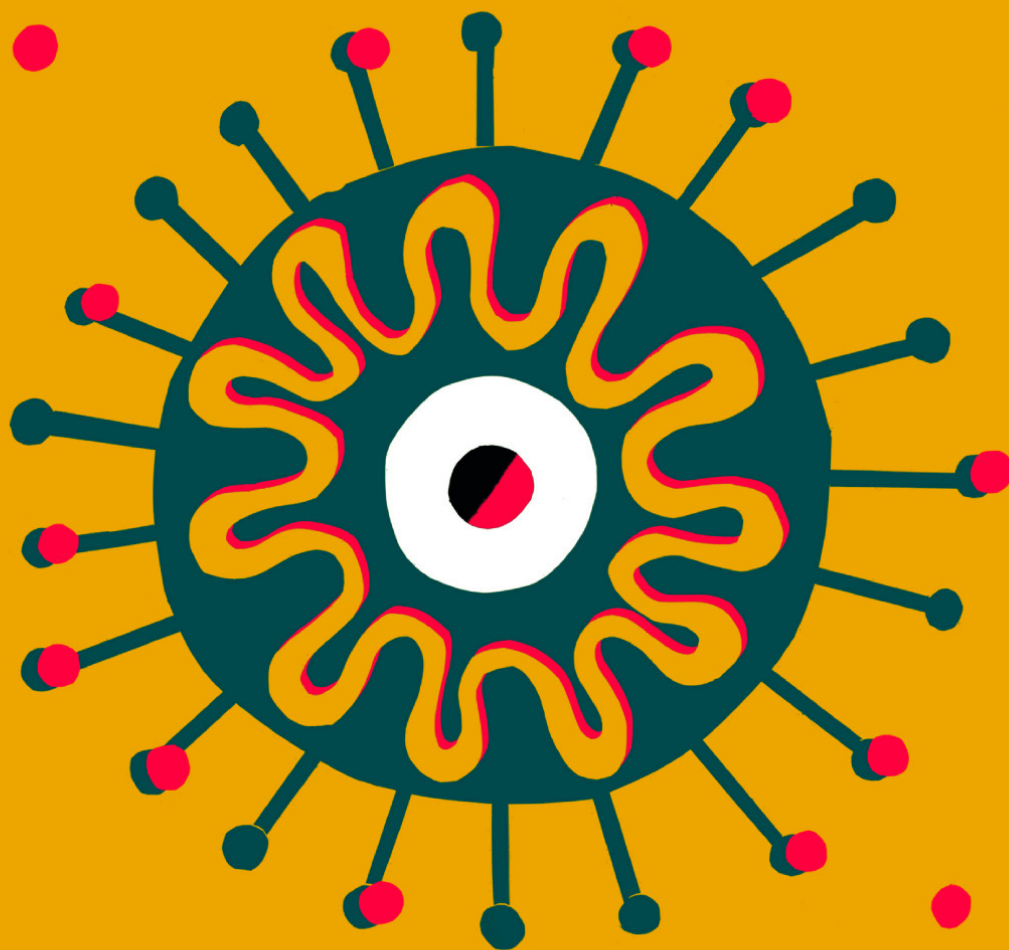
PIERRE SALAMA

EVANGÉLICOS E PANDEMIA

PREFÁCIO: HENRIQUE VIEIRA

PIERRE SALAMA

EVANGÉLICOS E PANDEMIA

PREFÁCIO: HENRIQUE VIEIRA

EVANGÉLICOS E PANDEMIA

Pierre Salama

EVANGÉLICOS E PANDEMIA

Tradução: Ricardo Festi

Sumário

Prefácio

Este texto de Pierre Salama traz importantes contribuições para a reflexão sobre o campo evangélico e sua relação com a política e os rumos da democracia no Brasil. A partir de uma pesquisa feita por Georges Gérard Flexor sobre o conjunto de igrejas na periferia do Rio de Janeiro, identifica-se a origem social predominante da população evangélica e sua tendência a um expressivo crescimento.

Confirma-se que as igrejas evangélicas têm forte presença nas camadas populares e periféricas, com baixa renda, menor acesso à educação e considerável parcela de população negra. Identifica-se o crescimento das igrejas evangélicas nas últimas décadas associado ao intenso processo de êxodo rural, à urbanização, favelização e precariedade das condições de vida e de trabalho nos grandes e médios centros urbanos. Nesse contexto, as igrejas evangélicas têm se constituído como importante espaço de sociabilização, integração e enraizamento territorial diante de um cenário urbano complexo, individualista, competitivo e com perda de laços sociais. As igrejas, muitas vezes, acabam por reorientar a vida dos indivíduos, retomando valores de vínculo familiar e oferecendo bases afetivas numa sociedade que oferece poucos espaços de convívio, troca e cuidado mútuo.

Além do aspecto da sociabilidade e da integração social mediada por valores tradicionais, existe o forte impacto da chamada teologia da prosperidade. Essa perspectiva teológica sacraliza e potencializa valores de uma sociedade de mercado e de características neoliberais. Afirma que a fé do indivíduo (aspecto

meritocrático) é o que define sua condição econômica e social. O efeito é a reafirmação de uma descrença nas operações políticas do Estado, uma não percepção das causas estruturais da desigualdade social, um reforço da lógica individual empreendedora para a ascensão social. É evidente que, do ponto de vista teológico e político, considero a teologia da prosperidade um mecanismo ideológico de alienação, que encobre e inverte a natureza real da realidade social. Além disso, ela naturaliza a desigualdade social e serve como expressão ideal dos interesses da classe dominante numa sociedade capitalista. Contudo, é preciso entender a complexidade dessa teologia na dimensão prática de vivência comunitária nas igrejas. Ainda que, a longo prazo, a tese central dessa doutrina demonstre não se verificar na realidade, o fato é que muitas vezes, no contexto da igreja, há uma circulação de recursos, de oportunidades de trabalho, de mecanismos de ajuda que podem ser percebidos como algum tipo de ascensão social.

O texto de Pierre Salama indica, e considero importante acentuar, a diversidade e a complexidade do campo evangélico. Existe a predominância de uma perspectiva conservadora no meio evangélico, e esta se revela um pouco maior do que o conservadorismo médio da sociedade brasileira em pontos como aborto e casamento entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo. Também é de se ressaltar o massivo apoio que a base evangélica deu para a eleição de Bolsonaro em 2018, e o apoio que ela continua dando ao presidente eleito, como importantes fatores de sua sustentação política.

Entretanto, é preciso ressaltar alguns pontos de complexidade. Primeiro, é preciso perceber que o conservadorismo, a tendência ao personalismo e as manifestações de violências discriminatórias não são características inauguradas pelo ou exclusivas do campo evangélico. As igrejas evangélicas não são o mal da democracia brasileira. O Brasil é formado, em termos políticos, econômicos, sociais e ideológicos, por uma colonização patriarcal, racista, elitista e genocida. Forjou-se uma sociabilidade mediada pela violência e por opressões estruturais, isto é, constitutivas do modo de funcionamento de nossa sociedade. O catolicismo e o protestantismo institucionais hegemônicos, de modos diferenciais e com suas peculiaridades, fazem parte de uma lógica geral colonialista. Identificar o segmento evangélico como essencialmente de extrema direita e como o mal a ser combatido é um erro de análise, de tática e de

estratégia de ação. Pierre Salama consegue evitar essa percepção, pois apresenta riscos e tendências e ressalta tanto o caráter aberto do futuro quanto a feição complexa do campo evangélico.

Um segundo aspecto a ser ressaltado é que o conservadorismo evangélico não pode ser reduzido às experiências pentecostais e neopentecostais. O protestantismo histórico tem fortes traços de conservadorismo. A atual composição ministerial do governo Bolsonaro mostra a presença marcante de batistas e presbiterianos. Há uma influência protestante conservadora em pastas como o Ministério da Educação e o Ministério da Justiça. Acredito que não se pode incorrer no risco de estigmatizar as expressões pentecostais e neopentecostais.

O terceiro aspecto a ser ressaltado é a identificação de setores progressistas organizados dentro do campo evangélico. Como bem afirma Pierre Salama, o campo evangélico não é um partido. De fato, trata-se de um campo que, de tão diverso, se torna quase indefinível. Não é um bloco monolítico, sem diferenças internas e que age de maneira coesa e consensual. Num breve resgate histórico, cito como exemplo a Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro), realizada em 1962, em Recife, por setores evangélicos. Nessa conferência, acentuava-se a responsabilidade social da igreja, discutia-se os principais problemas do Brasil e apresentavam-se caminhos de reformas de cunho social, econômico e político orientadas pela busca por um país mais justo economicamente e mais democrático politicamente. Também se pode fazer breve alusão à presença de pentecostais nas ligas camponesas nas décadas de 1950 e 1960, ou atualmente a forte presença de pentecostais nas bases do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Ainda é importante apontar coletivos e organizações evangélicas e progressistas, tais como: Movimento Evangélico Progressista (MEP); Rede Fale; Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito; Coletivo Fraterna de Vozes Pastorais e Comunitárias pela Democracia; Frente Evangélica pela Legalização do Aborto (Fepla); Evangélicxs (coletivo evangélico que aborda a questão da diversidade sexual e de gênero); Movimento Negro Evangélico (MNE); Coletivo Esperançar (agência de comunicação em rede relacionando evangélicos com direitos humanos); Aliança Batista do Brasil (ABB), que tem caráter ecumênico e progressista;

entre outros movimentos com características teológicas e políticas semelhantes. Evidente que há um desequilíbrio marcante na capacidade de reverberação das ideias entre o campo evangélico progressista e o das expressões conservadoras, pois estas possuem grande capital econômico, político e influência midiática. O conservadorismo é uma expressão ideológica das classes dominantes em tempos de crise, pois ajuda a encobrir as verdadeiras causas da crise e a manter a estrutura social. Os meios materiais do campo conservador possibilitam maior expressão de suas ideias.

O quarto aspecto a ser apontado é que, para além dos coletivos evangélicos progressistas organizados, que apresentam pautas vinculadas à democracia, à justiça social e aos direitos humanos, é preciso perceber os dispositivos progressistas existentes na experiência evangélica popular. Em que medida muitas igrejas acabam sendo um espaço de acolhimento de pessoas descartáveis e descartadas num modelo político, econômico e social excludente? Não se trata, em hipótese alguma, de fazer uma defesa corporativista do campo evangélico, mas de apontar para a complexidade do fenômeno evangélico popular. No contexto das igrejas, existe algum nível de empoderamento de individualidades invisíveis numa sociedade desigual. Estabelecer uma categoria de análise que rejeite o segmento evangélico por julgá-lo ultraconservador é um erro de interpretação da realidade, que não contribui para um processo de diálogo e para o amadurecimento de um projeto democrático de país.

Então, por um lado, é preciso identificar o extremismo evangélico traduzido em projeto de poder e seus dispositivos autoritários, violentos e arbitrários, especialmente direcionados contra mulheres, LGBTQIA+, indígenas, negros, praticantes de religiões de matriz africana, militantes de direitos humanos. Por outro, é preciso perceber a diversidade e o caráter popular da experiência evangélica no Brasil e, a partir dessa compreensão, estabelecer um diálogo honesto, íntegro e não colonizador.

Entendo que o campo da esquerda, por vezes, incorre numa perspectiva eurocêntrica, iluminista e colonialista, que tem o intuito de levar a verdade revolucionária para quem ainda supostamente estaria na alienação religiosa. Reconheço que a religiosidade não é um produto fora da história. Entendo que a forma religiosa predominante de uma sociedade tende a reverberar as ideias dominantes dessa sociedade, e que essas ideias expressam os interesses da classe

dominante dentro de uma determinada estrutura social. Contudo, é preciso entender a religião como força orientadora do sentido de vida de milhares de pessoas, como dado histórico das culturas humanas e como força progressista e revolucionária em muitos momentos da história. A religião pode assumir formas conservadoras e fundamentalistas, mas também pode ter expressões emancipadoras e revolucionárias.

Em um contexto de pandemia, de crise econômica e social, de empobrecimento da classe média e de pobreza extrema, as questões relativas ao futuro se tornam ainda mais indeterminadas. A extrema direita, com ou sem Bolsonaro, reafirma a narrativa de que o jogo democrático é intrinsecamente corrupto e falido e aposta nas saídas autoritárias e personalistas ativadas pelo binômio raiva e medo. A extrema direita aposta no pânico moral e nas

para manter uma base de apoio mobilizada, apresentando uma perspectiva negacionista da ciência e dos efeitos da pandemia. Dentro dessa narrativa, ela se coloca contra medidas de isolamento e de distanciamento social e enfatiza a necessidade do trabalho como elemento de garantia de vida dos mais pobres.

É uma situação complexa, que exige, mais do que nunca, um encontro real com as demandas, as urgências e o cotidiano das camadas populares de nosso país. Não será por meio de abstrações que se construirá a capacidade de enfrentar o populismo de extrema direita, mas apenas por meio de relações orgânicas, horizontais, enraizadas nos territórios, atentando para as demandas urgentes de quem sofre na precariedade de uma sociedade brutalmente desigual, que será possível cultivar um projeto de democracia, justiça social, garantia e ampliação de direitos, combate à desigualdade e às opressões históricas no Brasil. A urgência dos indicadores econômicos aponta para a necessidade da combinação de valores inegociáveis relacionados ao cuidado com a saúde (a necessidade do distanciamento social, o respeito às orientações dadas pelos especialistas), com a defesa enfática de políticas econômicas de renda básica universal, de fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), de políticas de moradia, saneamento e geração de empregos e renda. Faz-se urgente demonstrar que o projeto político da extrema direita tem como efeito justamente a desestruturação das famílias brasileiras pela ampliação da pobreza, pela retirada de direitos, pela maior precarização de suas vidas.

Do ponto de vista da disputa de valores, é preciso indicar que o autoritarismo é produtor de violência e de morte, de profunda imposição de sofrimento baseada na indiferença diante da dignidade humana. A cultura do descarte e do “e daí?” diante de tantas mortes precisa ser confrontada com a ética do amor ou do amor como ética. Nesse ponto, ressalto a importância de lideranças evangélicas progressistas, pois elas são fundamentais para um diálogo com a base evangélica a partir do repertório bíblico e da memória da vida de Jesus Cristo de Nazaré. Por um lado, é preciso estar junto a esses segmentos evangélicos populares atuando na busca concreta por direitos e pelo atendimento das demandas urgentes da vida; por outro, é preciso acessar, com legitimidade, os símbolos e os referenciais da Bíblia para apontar valores como justiça social, respeito à diversidade, cultura de paz, defesa da dignidade humana e democracia. De forma mais simples, é preciso mostrar que a narrativa da extrema direita é exatamente antagônica aos ensinamentos de Jesus.

A questão que se impõe é que não há possibilidade de construção de um projeto democrático de país sem diálogo com a dimensão da espiritualidade humana nem com as manifestações religiosas populares (de todas as religiões). A questão que se impõe é: o campo evangélico cresce nas camadas populares, e o diálogo não é exatamente uma opção, mas um dever ético revolucionário.

Com a pandemia, os evangélicos são um novo vírus para o Brasil?

A pandemia é um revelador de disfuncionalidades de um capitalismo desenfreado, em que os Estados cedem cada vez mais espaço ao mercado e a um de seus principais atores, as empresas multinacionais. O Sars-Cov-2 provoca uma crise de amplitudes inigualáveis no mundo: por toda parte, a produção cai, o desemprego infla e as rendas baixam, mas com diferenças significativas entre os países. Após ter atingido os países do Extremo Oriente, depois a Europa e, mais tarde, os Estados Unidos, ele chegou na América Latina e, amanhã, talvez, chegue na África.

Os governos (embora nem todos) intervêm fortemente, perturbando bruscamente os princípios sagrados aos quais eles antes se vinculavam. O mesmo ocorre com a amplitude dos déficits públicos, dos subsídios concedidos pelos Estados para pagar parte dos salários [a] em alguns países avançados e das possíveis nacionalizações de setores considerados estratégicos…

Já na América Latina, o discurso intervencionista não é predominante. O aumento prometido das despesas públicas é desigual entre os países. No Brasil, as decisões de alguns ministros, principalmente o da Saúde e seu sucessor – depois também exonerado –, e dos governadores de vários estados encontram frequentemente a oposição do presidente da República, em particular as que se referem às medidas de isolamento social e ao retorno rápido ao trabalho. Nesse caso, ocorreu um conflito entre duas estratégias: aquela que deseja continuar seguindo o lema "tudo pelo mercado" e acelerando as privatizações e aquela que, ao lado de certas frações do Exército, deseja um "Plano Marshall" de financiamento de infraestruturas públicas para lidar com a queda significativa do

investimento público nos últimos anos, sem, no entanto, especificar os montantes a serem alocados para essas despesas.

A amplitude da crise econômica é propícia ao desenvolvimento de novas formas de dominação estatal. Entretanto, se a crise durar e se desenvolver com o cortejo de novos pobres se somando aos que já o são, fruto do empobrecimento das classes médias – como já começa a acontecer na América Latina –, então o Estado parecerá cada vez mais incapaz de encontrar soluções que reduzam seu custo social. A perda de credibilidade sentida pelos governos pode dar origem a novas formas "iliberais" de democracia [1] . A busca por um Estado forte, personalizado ao redor de um líder carismático, favoreceria a emergência de novas formas de populismo, com o provável apoio de igrejas evangélicas em ascensão.

Poderiam o fortalecimento das correntes evangélicas e a relativa incapacidade dos governos em superar os problemas colocados por essa crise e pela pandemia constituir um perigo para uma jovem democracia, fragilizada pela chegada ao poder de Jair Bolsonaro e pelo crescimento das igrejas evangélicas conservadoras e fundamentalistas?

Jean Birnbaum ressalta que, para Marx, a religião não é somente "o ópio do povo". Tal qual, essa citação, usada com frequência, é simplista e não permite compreender tudo o que representa a força da religião. Esta "não se suprime assim", banindo-a, por exemplo, como foi feito nos países socialistas. "Expulsa pela porta, ela entrou pela janela" incisivamente desde o fim da experiência socialista. Na verdade, essa frase, fazendo apelo a uma metáfora que se tornou célebre ("o ópio"), era precedida por outra mais profunda: "A angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão de uma angústia real e um protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, como é o espírito de um mundo sem espírito" [2] . Assistimos, assim, ao retorno do religioso e, particularmente, de suas formas mais radicais, como os fundamentalistas que podemos observar na América Latina, com o peso crescente dos evangélicos.

1. O populismo visto de baixo e a influência crescente dos discursos das igrejas evangélicas

Quem são os evangélicos [3] ? A quais categorias sociais eles pertencem? Qual o nível de escolaridade deles? Quais valores mais compartilham? São sensíveis ao discurso de retomada do trabalho, independentemente da evolução da pandemia? Podem constituir, no Brasil, um vetor importante para o surgimento de novas formas de populismo "iliberal", até mesmo de extrema direita ou militar – com ou sem Bolsonaro?

Essas são as questões que tentaremos responder. As análises sobre os evangélicos são numerosas, particularmente aquelas que abordam seus valores e suas relações com os poderes. Porém, são relativamente raras no que diz respeito às origens sociais dos evangélicos. Assim, utilizaremos a pesquisa de Georges Gérard Flexor sobre o conjunto de igrejas da periferia do Rio de Janeiro [4] . Ela é particularmente rica em informações e se atenta aos comportamentos estruturantes das diferentes igrejas. Com o objetivo de enriquecer a análise e imaginar as evoluções possíveis, faremos comparações com a ascensão do lepenismo [b] na França. É certo que a comparação não é correta, pois os dois países são diferentes em termos de história, situação econômica e formação social. Mas comparar abre perspectivas, e essas comparações podem permitir avaliar melhor como a ascensão do pentecostalismo no Brasil, mais precisamente hoje com a crise econômica, social e política acentuada pela pandemia, pode ou não reforçar a emergência do populismo de extrema direita pós-Bolsonaro, com ou sem ele.

a) Um número cada vez maior de evangélicos

Segundo as pesquisas realizadas pelo Pew Research Center, observamos uma queda do catolicismo no conjunto dos países da América Latina, mais ou menos significativa, conforme o país.

Tabela 1 – Queda da adesão à religião católica (em % da população) [5]

País	1970	2014	Diferenças em pontos percentuais
Argentina	91	71	-20
Brasil	92	61	- 31

Chile	76	64	-12
Colômbia	95	79	-16
México	96	81	-15
Peru	95	76	-19

O declínio na adesão ao catolicismo foi relativamente grande em 35 anos. Em contrapartida, o percentual de evangélicos aumentou, sobretudo, na América Central (42% da população da Guatemala se declarou evangélica em 2014; 41%, em Honduras; 36%, na Nicarágua; 35%, em El Salvador), no Brasil (22,4%), no Peru (17%), no Chile (16,6%), na Bolívia (21%) e no Uruguai (15%). A ascensão dos evangélicos é mais tímida na Argentina (9%) e no México (6,3%) [6] . O peso dos "sem religião" [7] também cresceu, porém em uma medida menor. Em média, a influência dos evangélicos aumentou em quinze pontos, e a dos "sem religião", em sete pontos, entre 1970 e 2014.

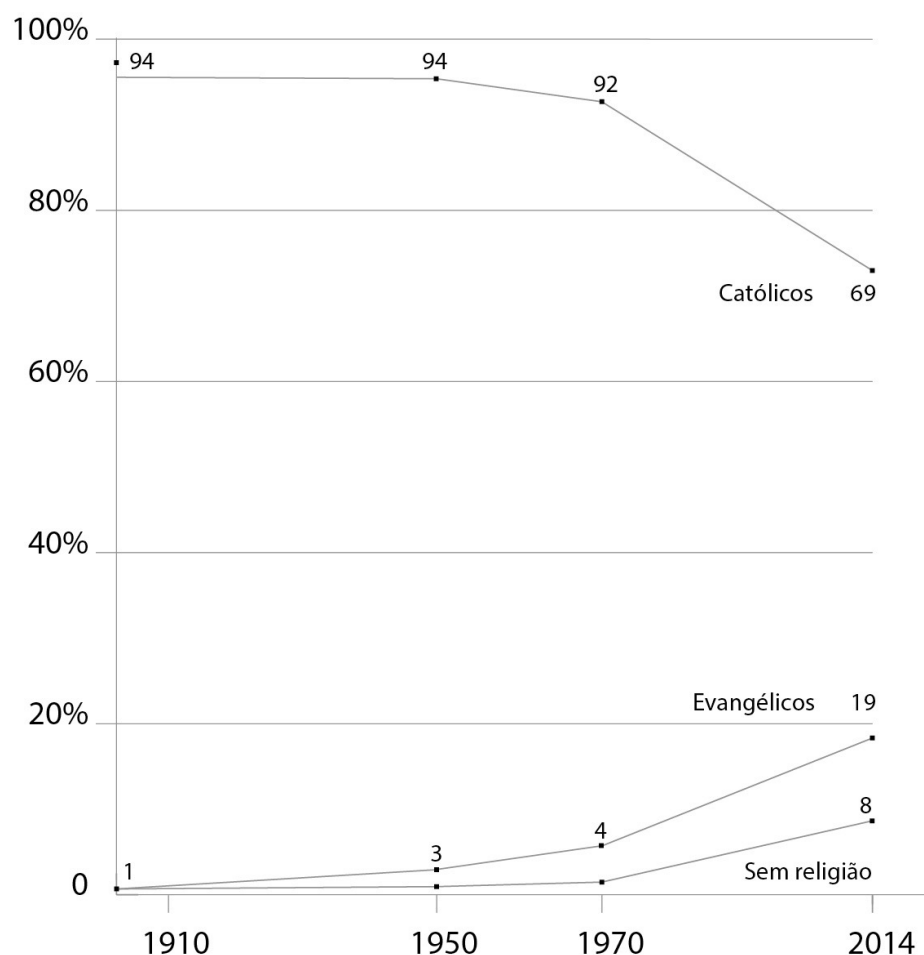
Gráfico 1 – Porcentagem da população pertencente a cada grupo religioso [8]

No Brasil, a porcentagem de católicos decresceu ao redor de 29% entre 1960 e 2010, enquanto os evangélicos, com todas as igrejas combinadas, multiplicaram-se por mais de cinco. Certamente, o peso dos católicos continua muito importante, mas a diferença entre católicos e evangélicos reduziu-se significativamente, passando de 88,8% para 42,3%. Embora sejam minoria, os sem religião passam por uma explosão de aderentes.

Tabela 2 – Evolução dos grupos religiosos em % da população brasileira (1960-2010) [9]

	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	93,1	91,8	89,0	83,3	73,7	64,6
Evangélicos	4,3	5,2	6,6	9,0	15,4	22,3

Sem religião	0,2	0,8	1,6	4,7	7,4	8,0
Outras	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5	5,1

Esse crescimento das igrejas evangélicas possui muitas razões. A primeira se associa à rápida urbanização que o Brasil (e os países latino-americanos, em geral) teve a partir dos anos 1960. Hoje, o Brasil tem uma taxa de urbanização superior à de numerosos países avançados. Nesse processo, favelas emergiram ao redor das grandes cidades e, posteriormente, das cidades ditas médias. Atualmente, a depender da favela, elas são mais ou menos consolidadas, mais ou menos miseráveis, mais ou menos importantes em população e estão mais ou menos sob o controle de grupos criminosos.

Fugindo da miséria do meio rural, atraídos pelas cidades, os camponeses migram para bairros para onde já se mudaram pessoas de suas vilas ou de sua região, pois assim acreditam poder encontrar uma forma de solidariedade entre seus conhecidos, ou seja, obter uma primeira ajuda para se instalar em uma habitação ou encontrar um emprego. No entanto, eles rapidamente se veem confrontados por novas regras do jogo, aquelas de uma sociedade mercantilizada, em cidades que diferem do campo profundamente em usos e costumes dominantes. A solidariedade que eles esperavam se evapora.

De origem com pouca instrução, muitos dentre eles encontram os primeiros empregos no setor informal e são pouco remunerados. A miséria do campo é substituída pela da cidade e, assim, o milagre esperado com essa viagem sem retorno se revela uma miragem. Decepcionados, encontram pouco ou nenhum apoio esperado das igrejas católicas, e delas se afastam. Influenciados pelo engajamento dos evangélicos, ouvindo suas rádios ou assistindo a seus canais de televisão, lembrando seus valores familiares e sua responsabilidade quanto à origem de suas dificuldades, eles buscam superar seus problemas lendo a Bíblia e seus ensinamentos, a ponto de alguns pensarem ser capazes de se curar pela fé. Diante do sucesso dos evangélicos, as igrejas católicas copiam deles certas práticas religiosas em vão, como os cantos não habituais, por exemplo, conforme nos lembram Marion Aubrée e François Laplantine [10] e Georges Gérard Flexor [11] .

Por fim, o sucesso dos evangélicos se explica igualmente por sua oposição à “teologia da libertação”, movimento católico radical dos anos 1960-1980, e pelo medo de um comunismo ateu. Sob a bandeira da “teologia da prosperidade”,

numerosos líderes evangélicos se institucionalizaram ao se colocarem como candidatos nas eleições.

b) Quem são eles?

A partir de uma pesquisa realizada na periferia do Rio de Janeiro, Flexor analisa os diferentes movimentos religiosos, seus pesos e suas origens. Essa periferia é, em média, mais pobre que a cidade em si. E a proporção de evangélicos é bem mais elevada que em outras regiões, conforme tabela abaixo:

Tabela 3 – Perfil religioso da amostra (número de respondentes e percentagem) [12]

	C	E	K	MP	SR	AB
Número	273	424	31	44	170	50
%	28%	43%	3%	4%	17%	5%

C: católico; E: evangélico; K: kardecista; MP: de múltiplas religiões, com a possibilidade de os católicos se reconhecerem igualmente, por exemplo, nos cultos afro-brasileiros; SR: sem religião, o que não significa ateu, mas voluntariamente não associado a uma religião; AB: de religiões afro-brasileiras.

A distribuição dos membros de diferentes igrejas de acordo com a cor da pele (pardos, brancos, pretos) é interessante, conforme podemos ver na próxima tabela. A porcentagem de pardos é quase a mesma nas igrejas católicas e evangélicas; é muito mais significativa do que o observado em outras igrejas. A porcentagem de brancos, por outro lado, é muito menor entre evangélicos do que entre católicos. Inversamente, a dos pretos é o dobro do observado entre os católicos. Os dois últimos dados são importantes. A porcentagem de brancos nas outras categorias é maior do que a observada nas duas principais igrejas (exceto para os sem religião, um pouco menor que para os católicos).

Tabela 4 – Distribuição de raças segundo as religiões (em %)

	C	E	K	MP	SR
Pardo	41.03	41.98	29.03	27.27	36.47
Branco	39.93	24.06	41.94	45.45	35.29
Preto	15.75	30.90	29.03	27.27	26.47
Outros	3.30	3.07	0.00	0.00	1.76

Na Tabela 4, podemos deduzir as diferenças de renda entre os membros de várias igrejas. Os pretos e pardos são, em geral, mais pobres que os brancos. Sua porcentagem é particularmente elevada entre os evangélicos, acima que em outras religiões. Ao contrário, a porcentagem de brancos, sem ser desprezível, é menor. E a porcentagem de ricos é maior entre os brancos que entre os negros.

Não temos estatísticas sobre a renda média e a distribuição de rendas segundo as diferentes raças e igrejas. A Tabela 5 mostra os níveis de educação nas duas igrejas principais e confirma que os evangélicos são mais pobres que os católicos. A porcentagem dos que não passaram do ensino médio é maior entre os evangélicos (33,01%) do que entre os católicos (31,14%). Por sua vez, a porcentagem daqueles que concluíram o ensino médio é maior entre os católicos (43,59%) do que entre os evangélicos (38,21%). Porém, o percentual daqueles que concluíram o ensino médio técnico é relativamente mais significativo entre evangélicos do que entre católicos.

Tabela 5 – Distribuição do nível de estudo segundo católicos e evangélicos

	C	E
Analfabeto	1.83	0.71
Ensino Fundamental I	2.20	1.65
Abandono do Ensino Fundamental II	5.86	11.08
Ensino Fundamental II	11.36	10.14
Abandono do Ensino Médio	9.89	9.43
Ensino Médio	43.59	38.21
Ensino Médio Técnico	4.03	6.60

Servindo-nos desses últimos dados como variáveis , podemos deduzir que

A distribuição da renda dos católicos é maior que a dos evangélicos; em outras palavras, a porcentagem de pertencimento à classe média e aos ricos é maior entre os católicos do que entre os evangélicos.

A relação entre nível de estudo e de renda recebida não é linear. Aqueles que concluíram o ensino médio, ou mesmo iniciaram a universidade, têm diferentes níveis de renda conforme trabalham no setor público ou no privado, em geral. A remuneração é menor no setor público do que no privado. Porém, aqueles com pouco nível educacional às vezes ganham mais no setor público do que no privado. Essas relações variam segundo os diferentes países. Por exemplo, professores de ensino superior ganham mais no setor público do que no privado no Brasil. Por sua vez, professores mexicanos de ensino superior ganham menos do que seus colegas brasileiros. Em geral, no Brasil, o homem branco ganha mais que a mulher branca no setor privado, que ganha mais que o homem negro, que ganha mais que as mulheres negras. Assim, as diferenças de renda diminuem com os níveis de qualificação [13] . Além disso, a relação entre nível de educação e remuneração não é linear, mas fornece informações valiosas.

Afora todas essas reservas,

Contudo, não podemos deduzir dessa relação que os evangélicos necessariamente constituirão amanhã o exército à sombra de movimentos de extrema direita. Seus votos não seguem as preferências de seus líderes religiosos cegamente. No entanto, podemos ver que o voto em Bolsonaro foi muito mais significativo nessa camada que a média nacional. Com a influência dos evangélicos a cada dia mais forte, é provável que suas preferências em direção a opiniões políticas "iliberais" sejam maiores amanhã por conta das consequências sociais da crise e da sensação de que o governo não pode ajudá-los. Observamos que, em abril, Bolsonaro perdeu sua popularidade entre as camadas da classe média que haviam votado nele, mas conservou sua base dura entre os pobres, em parte evangélicos, que votariam nele mesmo que ele se radicalizasse contra o Congresso e as decisões governamentais dos estados para proteger a população da pandemia, contrapondo-se a orientações de autoridades médicas.

Esse caminho, entretanto, não é inevitável. Primeiro, porque às vezes a religião reprime a violência, exceto em suas versões mais fundamentalistas. Segundo, porque tudo depende das respostas que serão dadas ao discurso presidencial contra o isolamento e pela retomada do trabalho, que encontra aceitação em parcelas dos mais pobres. Finalmente, porque a educação pode ser uma saída para o alto [14] se ela se torna a escola da República, ou seja, se inclui as crianças, independentemente de suas origens. Isso foi observado em particular nas maiores taxas de participação em universidades dos sem religião e com múltiplas religiões, conforme aponta Flexor. Sabemos que é justamente porque a educação liberta que grupos religiosos fundamentalistas fazem campanha em todo o mundo para impedir o acesso à educação para meninas. No entanto, esse caminho existe e, para avaliar as probabilidades de seu desenvolvimento, precisamos analisar o comportamento dos evangélicos e tudo o que o constitui.

2. Qual é o comportamento médio dos evangélicos? Quais são suas relações com a ordem, o aborto, o casamento de pessoas do mesmo sexo, a ajuda aos pobres? Em uma palavra, seriam eles conservadores?

Um paralelo entre a extrema direita francesa e os evangélicos no Brasil é instrutivo. Origem social semelhante e nível de educação bastante baixo; desconfiança em relação ao Estado e aos políticos; desconfiança em relação ao outro; ódio às minorias, sejam elas de imigrantes, nos países avançados, ou de índios, negros e movimentos LGBTs. Uma parte desproporcional de impostos seria despendida nas políticas sociais voltadas para as minorias. Não apenas as minorias custariam a outras comunidades, como elas tenderiam a esquecer suas obrigações. Os pobres e, de uma maneira geral, as categorias sociais modestas poderiam considerar que os imigrantes nos países avançados, embora pobres, são "privilegiados", "parasitas" vivendo do trabalho dos autóctones e lhes roubando o emprego. Os pobres que vêm da América Latina, bem como várias associações protegidas pelo Estado, cujo objetivo seria disseminar valores considerados não saudáveis.

Ainda que importante e instrutivo, esse paralelo não é suficiente para associar a extrema direita às igrejas evangélicas. Elas não funcionam como um partido,

mesmo quando alguns de seus pastores se apresentam como candidatos nas eleições. Suas orientações de voto não são sempre seguidas, embora suas ideias possam se difundir largamente, como mostram os exemplos do México e do Brasil [15] . Essas ideias são expressas em programas políticos em que minorias são denunciadas como parasitárias. Os políticos tomam o discurso evangélico, amplificam-no e o legitimam, o que, por sua vez, fortalece as igrejas pentecostais. Em um contexto de crise como o que enfrentamos atualmente, isso pode assumir um determinado significado e ser eminentemente perigoso.

a) A respeito da confiança pessoal?

Aqueles que votam na extrema direita não têm grande confiança interpessoal, obtêm pouca satisfação de suas vidas e sofrem de um mal-estar pronunciado. As últimas eleições presidenciais mostraram isso nitidamente. O eleitorado de Le Pen tem, de longe, a menor satisfação e a menor confiança nas pessoas [16] . Os eleitores de Le Pen desconfiam de seus vizinhos, confiam na família em oposição aos outros, aos desconhecidos, aos supostamente parasitas e/ou aproveitadores. O medo do outro, dos rebaixamentos quando eles têm diplomas e empregos que não os valorizam, a angústia com o futuro, entre outros fatores, conduzem-nos a buscar bodes expiatórios: as minorias, aqueles que "tiram vantagem do sistema". Nos países avançados, estes são, sobretudo, os imigrantes; isto é, os mulçumanos, os quais, pela presença e pelos riscos mencionados de uma "grande mudança", comprometem os valores cristãos. Na América Latina, muitas vezes são os índios, os negros, os LGBT e até os comunistas – um velho fantasma que às vezes reaparece. Nos países avançados, os bodes expiatórios supremos são os partidos políticos tradicionais, os "do sistema", denunciados como corruptos, comprados pelo estrangeiro, anti-nação. No Brasil, é sobre o Partido dos Trabalhadores e seu líder carismático, Lula, que se concentram os maiores ódios [17] . Esse ódio exprime muito mais raiva do que medo. O medo tem efeito paralisante. A raiva é a base do populismo e torna possível se exprimir, agir [18] .

Superar esses problemas pessoais e viver em harmonia, na maioria das vezes, envolvem introspecção e podem exigir a ação de um exorcista responsável por erradicar o mal que alguém pode levar consigo.

Nas igrejas pentecostais, a referência primeira é a Bíblia. Seu ensinamento permite ao ser humano se regenerar. Dito de outra forma, o que pode lhe fazer mal não é necessariamente culpa da sociedade, mas, acima de tudo, é culpa própria. Deixar de seguir os ensinamentos da Bíblia leva ao fracasso pessoal. A sociedade é desigual, as desigualdades de renda e de patrimônio não são aceitáveis, mas esperar que o Estado as diminua e ajude os pobres seria um erro. A ação pública não deveria ser exercida em benefício de uma minoria, os pobres, em detrimento da maioria. Favorecer as pessoas pobres lhes permitindo acessar a universidade [19] , por exemplo, em detrimento de outras pessoas, do ponto de vista da sociedade como um todo, seria prejudicial. Acima de tudo, porém, ajudar os pobres significaria promover sua preguiça natural em detrimento de si e da sociedade como um todo; ou seja, favorecer o clientelismo (a compra de votos) e a corrupção, enquanto a Bíblia ensina probidade e a necessidade do esforço individual para sair da pobreza. Portanto, como escreve Flexor,

> em contraposição, sempre segundo essa narrativa, o mercado oferece uma solução ao problema da pobreza muito mais eficaz e justificável, pois beneficia um maior número: ele incentiva o esforço e cria oportunidades de ganhos benéficos para todos. Nesse sentido, no que diz respeito à justiça social, o mercado pode substituir vantajosamente o Estado. Quando este último é corrupto e está a serviço de seus próprios representantes, a ajuda aos pobres pode ser comparada à compra de votos, e os impostos, a uma fonte de ineficiência e corrupção. [20]

Podemos considerar que existe uma contradição entre o discurso que elogia o esforço individual e critica a preguiça e o fato de que os evangélicos, por serem extremamente pobres ou vulneráveis, são os que mais se beneficiam e apoiam algumas das medidas de ajuda do Estado?

A pesquisa realizada por Flexor observa que as políticas de transferência não são rejeitadas pela população da periferia do Rio de Janeiro. Os católicos e evangélicos têm uma posição tímida sobre esse assunto. São especialmente os não religiosos e os brancos que, em relação aos católicos e evangélicos, são mais contrários a elas. Mais formalmente educados, provavelmente mais bem pagos, os "não religiosos" têm a impressão de pagar pelos outros e, de maneira ainda mais nítida, esse sentimento é mais forte entre os brancos mais ricos… Se entrarmos nos detalhes, observaremos que as políticas de transferência (Bolsa Família, ajuda aos deficientes, crédito para compra da casa própria) são mais aceitas que aquelas que visam instituir uma renda mínima ou permitir acesso a hospitais públicos sem contribuição. Os "não religiosos" são, ao contrário, favoráveis a políticas

afirmativas para acesso a universidades públicas e privadas, provavelmente porque eles são beneficiados ou esperam que seus filhos se beneficiem.

De maneira geral, a desconfiança em relação ao Estado está fundada sobre duas apreciações críticas. A primeira é que o Estado não é tão eficiente quanto o mercado, lugar onde podem ser lançadas as iniciativas individuais. A segunda é que o inchaço do Estado e das despesas públicas são sinônimos de clientelismo e de corrupção. É o que explica por que, durante o primeiro mandato de Lula e os casos de corrupção como o "mensalão" (pagamentos mensais a deputados em troca da aprovação de leis) e aqueles referentes a outros negócios (a "ajuda" aos pequenos partidos), os deputados evangélicos que se beneficiaram dessa "generosidade" (29 de 70) foram, posteriormente afetados e tiveram de pagar por isso diante do eleitorado. Lembremos que 49 deputados evangélicos não foram reeleitos. É também por isso eles assumem uma posição mais pragmática do que o discurso deles sugeriria: embora desconfiados do Estado, eles aprovam leis que poderíamos situar nos limites de seus ideais, ou, em alguns casos, ficam calados diante das transferências anunciadas aos pobres. A política de Lula de transferência social, não encontra, nem encontrou, uma oposição feroz.

O essencial? 1) A luta por sua realização no mundo político (vimos que os evangélicos mexicanos se apropriam de Benito Juárez [21] e seu legado laico secular na esperança de que isso os ajudará a se desenvolver); 2) A luta sobre os valores tradicionais, "culturais" – entendidos aqui como congelados no tempo –, ligados à família. O culto se junta ao cultural. Em suma, se não há um divórcio entre as ideias e as práticas, se o pragmatismo parece se impor, provavelmente é porque a oposição é feita em outros temas mais culturais.

Os evangélicos se opõem às minorias, sejam as que existem "naturalmente" (os índios da Amazônia, por exemplo), sejam as que vieram à luz por causa de suas lutas. O mesmo acontece com as mobilizações LGBT, pelo reconhecimento de seus direitos, do casamento para todos – ou seja, entre pessoas do mesmo sexo –, do aborto (porque eles são contrários, segundo sua leitura da Bíblia). Como indica Flexor,

> o Datafolha, em 2016, indicou uma rejeição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo bem mais elevada entre os evangélicos que entre o resto da população: 68% são contra, 18% aceitam e 10% são indiferentes. Para toda a população, a taxa de rejeição é de 42% e a proporção de pessoas a favor é de 44%. Em relação à questão do aborto, os evangélicos são também o grupo que apresenta as posições mais conservadoras. A mesma pesquisa revela que 64% destes últimos são favoráveis a medidas legais, como a prisão, para as mulheres que praticam o aborto. Os católicos têm opiniões similares, mas são frequentemente menos radicais. Um pouco mais que a maioria (58%) apoia esse tipo de medida. Os

evangélicos são mais tradicionais que o resto da população quando se trata da divisão do trabalho entre homens e mulheres no seio da família. [22]

b) As ideias conservadoras estão em plena ascensão na América Latina e influenciam cada vez mais a vida política

A posição dos católicos sobre os valores culturais se aproxima da dos evangélicos, cada vez mais influentes. A crise sanitária atual está enxertada em situações econômicas já muito frágeis na maioria dos países da América Latina. A amplitude das respostas à crise não parece estar à altura das necessidades na maioria dos países, e se, por vezes, medidas mais importantes são tomadas, frequentemente é com atraso em relação à rapidez de contágio da pandemia.

A crise econômica se manifesta por uma queda significativa do PIB, uma baixa ainda mais significativa da indústria e do comércio, uma depreciação das moedas nacionais devido à fuga de capitais, sem que esta possa favorecer as exportações, pelo menos até a produção ser paralisada devido à expansão do contágio. A crise econômica está em curso e as primeiras estimativas quanto à redução do crescimento são otimistas. A crise social se amplifica. Ela já era presente em numerosos países em razão da situação econômica pré-pandemia. Com a pandemia, a crise social cresce consideravelmente: aumento da informalidade dos empregos e da taxa de desemprego, queda das rendas do trabalho, crescimento da pobreza e da pobreza extrema. A incerteza quanto ao futuro acentua a ansiedade.

Há um divórcio entre a situação econômica complexa e a exigência de respostas políticas simples que são cada vez mais compartilhadas.

As soluções simples são de duas ordens: 1) minimizar a pandemia; 2) deixar crer que é possível atenuar seus efeitos por meio de uma prática religiosa respeitosa de valores considerados sagrados. Nós os listamos: afirmar que o retorno ao trabalho é absolutamente necessário, invocando que a crise, provocada pelo isolamento social e pela paralisação da produção – que não responde às necessidades imediatas –, pode matar mais do que a covid-19 – o que, após certo tempo, pode se tornar realidade.

O retorno ao trabalho tem certo eco entre aqueles que não conseguem sobreviver em isolamento social, que precisam trabalhar para alimentar suas famílias mesmo que corram o risco de morrer, risco minimizado pelo discurso de

alguns presidentes. Essa exigência, repetida dia após dia pelo presidente brasileiro, permite designar um bode expiatório: políticos, governadores, até ministros da Saúde que bloqueiem qualquer possível retorno ao trabalho. E como existe uma profunda desconfiança do Estado e dos políticos, alimentada pelos evangélicos, ela encontra uma resposta popular. Esse eco é potencialmente mais forte desde que a crise e a deterioração social passaram a caminhar mais rápido do que as melhorias esperadas pelas políticas, quando estas adotam medidas anticíclicas para ajudar empresas à beira da falência a aliviar as famílias pagando somas muito modestas. Desconfiança geral do Estado, desconfiança crescente de sua capacidade de conter a crise e melhorar, exigindo respostas simples e uma radicalização do discurso para um Estado forte, entendido como um Estado que não é sobrecarregado com o jogo das regras democráticas.

Os evangélicos têm respostas simples para os problemas colocados pela pandemia. É por isso que eles podem ser vetores para uma ascensão da extrema direita. Isso explica por que, se o presidente brasileiro perde popularidade entre as camadas médias [23] , ele a conserva junto aos pobres que votaram nele, particularmente entre os evangélicos – pelo menos enquanto não for afetado por casos de interferência política no Judiciário, casos de corrupção ou mesmo de cumplicidade em assassinatos que pesam sobre ele e seu círculo familiar.

O horizonte, no entanto, não é tão sombrio como descrito acima. Já antes da pandemia, revoltas políticas se formavam em muitos países latino-americanos. Após uma onda de direita, uma onda progressista começou a se formar a partir de inúmeras manifestações em vários países, como o Chile e o Equador, além da eleição de novos presidentes no México e na Argentina e de um prefeito homossexual em Bogotá (Colômbia); em que pese, no entanto, uma sombra na Bolívia com a queda de Evo Morales.

Conclusões

O futuro não é conhecido nem inevitável. As tendências são previsíveis e dependem de fatores incontroláveis e exógenos e da evolução do equilíbrio de poder gerado pela crise. Podemos considerar que, para todos os países, a magnitude da crise econômica é propícia ao desenvolvimento de novas formas de

dominação estatal. No entanto, se a crise durar e se desenvolver com a procissão de novas pessoas pobres, agregando àquelas que já o são, com o empobrecimento da classe média, como é provável na América Latina, então o Estado parecerá cada vez mais incapaz de encontrar soluções que reduzam seu custo social. A perda de credibilidade sentida pelos governos pode dar origem a novas formas "iliberais" de democracia. A busca por um Estado forte, personalizado em torno de um líder carismático, favoreceria o surgimento de novas formas de populismo, com o provável apoio das igrejas evangélicas em plena ascensão.

A chegada de correntes "iliberais à húngara" ao poder, ou mesmo de novas ditaduras militares na forma de populismo de extrema direita, não são inevitáveis. Os evangélicos, apesar dos valores a que aderem, não constituem todos o exército sombrio da extrema direita. Eles estão divididos entre diferentes igrejas, cada uma com suas nuances. Muitas pessoas pobres e, entre elas, evangélicos – embora uma minoria – votaram no Partido dos Trabalhadores no Brasil, especialmente no Norte e Nordeste do país, regiões mais pobres. Em geral, os pobres não são a nova "classe perigosa", mesmo que as palavras dos evangélicos possam influenciá-los negativamente. É por isso que é necessário se preocupar com suas necessidades e não discutir de maneira abstrata o que seria bom e o que seria ruim diante da pandemia.

Mesmo nível educacional, rendas diferentes, outros comportamentos: baixo nível educacional, clientela da extrema direita na França

As análises de diferentes eleitores das últimas eleições presidenciais na França, em 2017, são ricas de ensinamentos, inclusive para o Brasil. O eleitorado de Marine Le Pen, movimento de extrema direita, está longe de ser aquele de menor nível educacional. Os eleitores de Benoît Hamon (Partido Socialista) e de Emmanuel Macron (En Marche) tinham os mais longos tempos de estudo. Como temos indicado, a relação entre nível de estudo e renda não é linear. Se uma pessoa trabalha no setor público e outra no privado, por um número equivalente de anos de estudo, a renda da primeira é menor do que a da última. No setor privado, a especialização é muito importante; os diplomas nas áreas de ciências humanas

abrem as portas para carreiras geralmente menos bem remuneradas do que os diplomas nas áreas de ciências exatas/biológicas. E, em geral, no setor privado, as mulheres recebem menos que os homens, e suas carreiras são igualmente menos lucrativas. A relação entre nível de educação e renda é, portanto, mais complexa do que parece à primeira vista. Os eleitores de Macron e de François Fillon (Les Républicains) têm as mais altas rendas, ainda que seu nível educacional seja menos elevado que entre os macronistas. Por sua vez, o nível de renda média dos eleitores de Hamon e de Jean-Luc Mélenchon (La France Insoumise) é baixo, comparado aos eleitores de Le Pen, enquanto para estes últimos o nível educacional é mais fraco; para um nível de educação relativamente próximo ao do eleitorado de Fillon, sua renda média é muito menor. Daí surge um sentimento de injustiça e um desejo de corrigir essas desigualdades não justificadas por uma política de redistribuição de renda. Como observamos, é isso que distingue o populismo progressista (de esquerda) do populismo de direita [24] .

---

[a] No original, " "; podemos entender a frase no sentido dos subsídios dados pelos Estados às empresas com o objetivo de pagar uma parte dos salários reduzidos durante a pandemia, com a contrapartida de não demitir os trabalhadores. (N. T.)

[1] Richard Haas, "The Pandemic Will Accelerate History Rather than Reshape It", , 7 abr. 2020.

[2] Jean Birnbaum, (Paris, Édition Seuil, 2016), p. 138 e 120.

[3] Mais precisamente, os pentecostais no Brasil.

[4] Georges Gérard Flexor, (Nova York, Mimeo, 2020).

[b] O se refere ao movimento de apoio e sustentação de Marine Le Pen, política de extrema direita. Ela foi candidata à Presidência da República francesa em 2017, disputando o segundo turno com Emmanuel Macron. Atualmente é deputada nacional pelo Rassemblement National, partido criado em 2018, em substituição ao Front National. (N. T.)

[5] Fonte: Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PR_14.11.13_latinAmerica-overview-19.png >; acesso em: 15 jul. 2020.

[6] Javier Calderón Castillo, "Iglesias evangelicas y el poder conservador en Latinoamerica", Celag, 1º jul. 2017; disponível em: <www.celag.org/iglesias-evangelicas-poder-conservador-latinoamerica/>, acesso em: 15 jul. 2020.

[7] Ao contrário do que podemos pensar, não necessariamente eles são ateus. Trata-se, muito mais, de seguidores de várias outras religiões, como as afro-brasileiras, por exemplo, mas também dos fiéis do

espiritismo. Sobre o kardecismo, ver Marion Aubrée e François Laplantine, (Paris, JCLattès, 1992).

[8] Fonte: Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PR_14.11.13_latinAmerica-overview-18.png>; acesso em: 15 jul. 2020.

[9] As informações desta e das demais tabelas deste texto são provenientes da obra de Georges Gérard Flexor, , cit., a partir dos dados do IBGE (censo demográfico de 2010).

[10] Marion Aubrée e François Laplantine, , cit.

[11] Georges Gérard Flexor, , cit.

[12] Nesta tabela, assim como nas seguintes, a categorização é mais precisa, pois podemos distinguir subconjuntos que antes eram agrupados na mesma categoria: "sem religião".

[13] Ana Lucia Saboia e João Saboia, "Whites, Blacks, and Brown in the Labor Market in Brazil: A Study About Inequalities", , v. 36, n. 2, jun. 2009, p. 127-35; disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/226143548>; acesso em: 15 jul. 2020.

[14] Muito cedo, alguns presidentes da República na América Latina compreenderam o papel da educação como fator de emancipação. O ditador (o "Supremo") José Gaspar de Francia, no Paraguai, tornou a escola elementar gratuita e obrigatória no início do século XIX. Um século e meio mais tarde, o presidente da Argentina, Domingo Faustino Sarmiento, fez igual; mais tarde, o mesmo se passou no Brasil e no México.

[15] Nas eleições presidenciais brasileiras, ao redor de 65% dos evangélicos votaram em Jair Bolsonaro. Portanto, nem todos votaram em Bolsonaro, mas como representam pouco mais de um quinto da população, esse voto deu a ele a maioria (56%) e a vitória.

[16] Yann Algan, Elizabeth Beasley, Daniel Cohen e Martial Foucault, (Paris, Éditions du Seuil, 2019), p. 47.

[17] Idem.

[18] Ibidem, p. 82.

[19] Como fez Lula no Brasil, permitindo o acesso à universidade de pessoas que não teriam nível suficiente, pois, por serem pobres, não tiveram a chance de frequentar boas escolas particulares.

[20] Georges Gérard Flexor, , cit., p. 18.

[21] Benito Juaréz (1806-1872) é o mais importante líder político da história do México. Ele resistiu à ocupação francesa, derrubou o imperador e restaurou a República no país. Tornou-se presidente da República por cinco períodos (de 1858 a 1872). (N. T.)

[22] Ibidem, p. 5-6.

[23] Suas posições ultraconservadoras geram oposição não apenas daqueles que se opõem a sua eleição, mas também daqueles para quem esses discursos são chocantes e que esperam uma intervenção estatal mais substancial para salvar a economia. Para complicar tudo, o acúmulo de conflitos não resolvidos, não apenas os excessos verbais, mas factuais, como aqueles que visam influenciar a Justiça nas investigações em andamento, além do papel do Exército, significa que o todo que emerge não é muito coerente. É o caso, por exemplo, do conflito quanto à implementação de um plano Marshall, levando a uma maior intervenção do Estado, ocorrido em abril de 2020, entre o presidente, apoiado por generais, e seu ministro da Economia, que permaneceu em velhas luas liberais.

[24] Ver Yann Algan, Elizabeth Beasley, Daniel Cohen e Martial Foucault, , cit., p. 42-3).

e-Books da Boitempo

Coleção Pandemia Capital

Anticapitalismo em tempos de pandemia
David Harvey

A arte da quarentena para principiantes
Christian Ingo Lenz Dunker

Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia
Angela Davis e Naomi Klein

Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado
Ricardo Antunes

Crise e pandemia
Alysson Leandro Mascaro

A cruel pedagogia do vírus
Boaventura de Sousa Santos

Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo
Slavoj Žižek

A peste do capitalismo
Mike Davis

Reflexões sobre a peste
Giorgio Agamben

(Re)Nascer em tempos de pandemia: uma carta à Moana Mayalú
Talíria Petrone

Siga a Boitempo

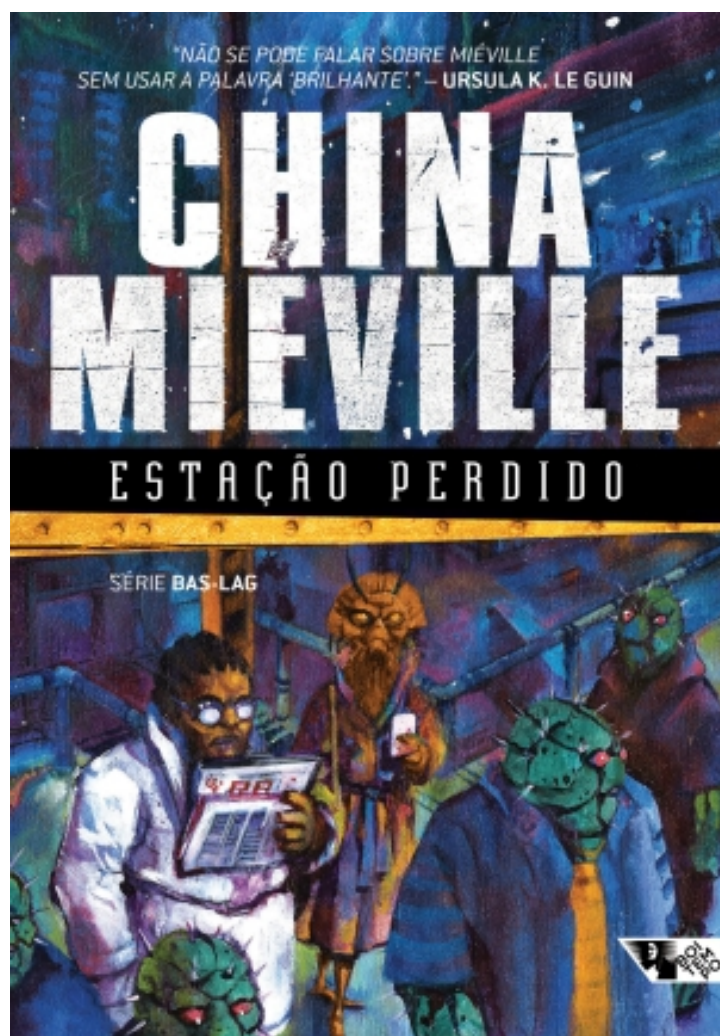
BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

/blogdaboitempo.com.br

/boitempo

@editoraboitempo

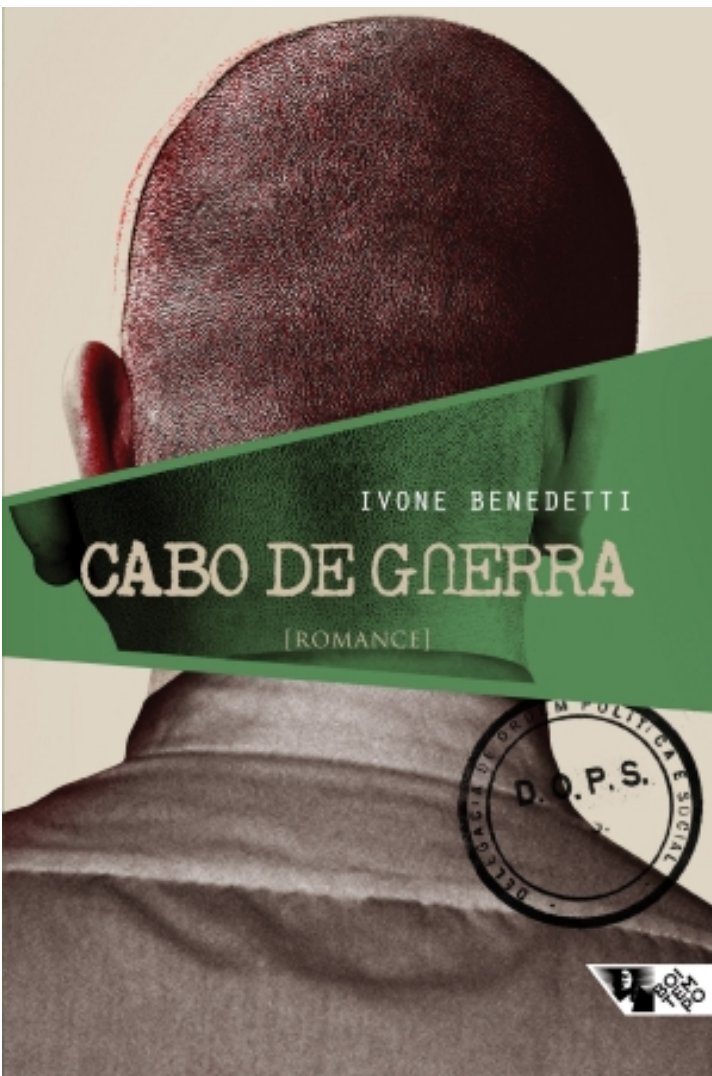
/tvboitempo

@boitempo

Estação Perdido

Miéville, China
9788575594902
610 [illegible]

Compre agora e leia

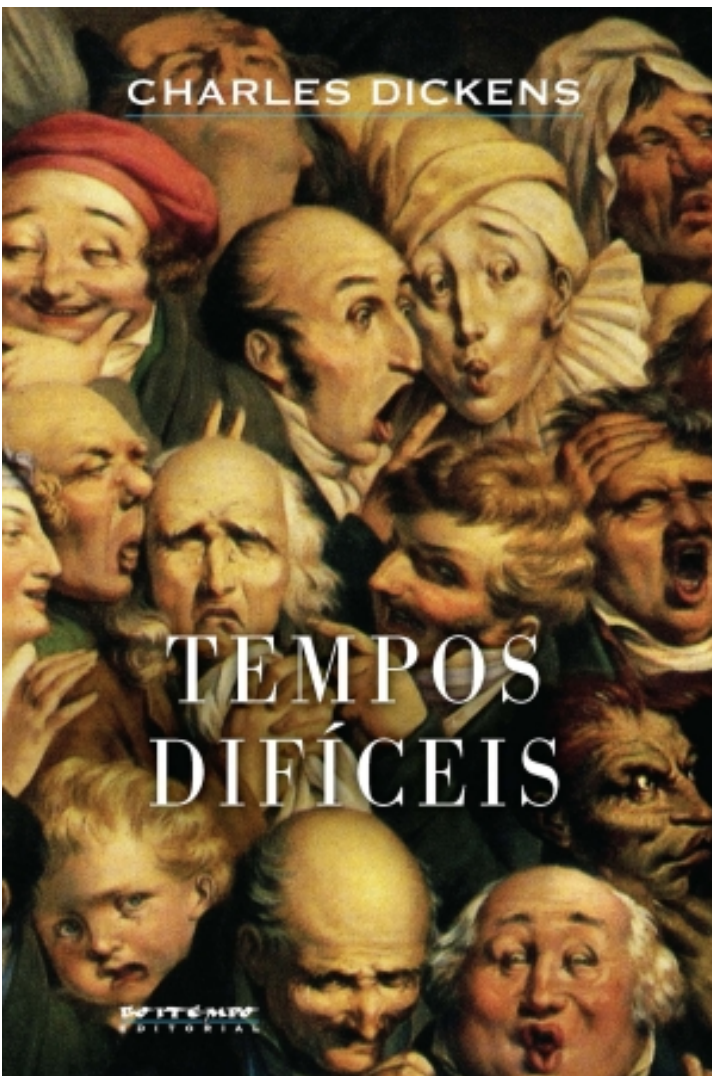
"Com seu novo romance, o colossal, intricado e visceral Estação Perdido, Miéville se desloca sem esforço entre aqueles que usam as ferramentas e armas do fantástico para definir e criar a ficção do

século que está por vir." – Neil Gaiman "Não se pode falar sobre Miéville sem usar a palavra 'brilhante'." – Ursula K. Le Guin O aclamado romance que consagrou o escritor inglês China Miéville como um dos maiores nomes da fantasia e da ficção científica contemporânea. Miéville escreve fantasia, mas suas histórias passam longe de contos de fadas. Em Estação Perdido, primeiro livro de uma trilogia que lhe rendeu prêmios como o British Fantasy (2000) e o Arthur C. Clarke (2001), o leitor é levado para Nova Crobuzon, no planeta Bas-Lag, uma cidade imaginária cuja semelhança com o real provoca uma assustadora intuição: a de que a verdadeira distopia seja o mundo em que vivemos. Com pitadas de David Cronenberg e Charles Dickens, Bas-Lag é um mundo habitado por diferentes espécies racionais, dotadas de habilidades físicas e mágicas, mas ao mesmo tempo preso a uma estrutura hierárquica bastante rígida e onde os donos do poder têm a última palavra. Nesse ambiente, Estação Perdido conta a saga de Isaac Dan der Grimnebulin, excêntrico cientista que divide seu tempo entre uma pesquisa acadêmica pouco ortodoxa e a paixão interespécies por uma artista boêmia, a impetuosa Lin, com quem se relaciona em segredo. Sua rotina será afetada pela inesperada visita de um garuda chamado Yagharek, um ser meio humano e meio pássaro que lhe pede ajuda para voltar a voar após ter as asas cortadas em um julgamento que culminou em seu exílio. Instigado pelo desafio, Isaac se lança em experimentos energéticos que logo sairão do controle, colocando em perigo a vida de todos na tumultuada e corrupta Nova Crobuzon.

Cabo de guerra

Benedetti, Ivone
9788575594919
306 [illegible]

Compre agora e leia

Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2010, Ivone Benedetti lança pela Boitempo seu segundo romance, o arrebatador

Cabo de guerra, que invoca fantasmas do passado militar brasileiro pela perspectiva incômoda de um homem sem convicções transformado em agente infiltrado. No final da década de 1960, um rapaz deixa o aconchego da casa materna na Bahia para tentar a sorte em São Paulo. Em meio à efervescência política da época, que não fazia parte de seus planos, ele flerta com a militância de esquerda, vai parar nos porões da ditadura e muda radicalmente de rumo, selando não apenas seu destino, mas o de muitos de seus ex-companheiros. Quarenta anos depois, ainda é difícil o balanço: como decidir entre dois lados, dois polos, duas pontas do cabo de guerra que lhe ofertaram? E, entre as visões fantasmagóricas que o assaltam desde criança e a realidade que ele acredita enxergar, esse protagonista com vocação para coadjuvante se entrega durante três dias a um estranho acerto de contas com a própria existência. Assistido por uma irmã devota e rodeado por uma série de personagens emersos de páginas infelizes, ele chafurda numa ferida eternamente aberta na história do país. Narradora talentosa, Ivone Benedetti tem pleno domínio da construção do romance. Num texto em que nenhum elemento aparece por acaso e no qual, a cada leitura, uma nova referência se revela, o leitor se vê completamente envolvido pela história de um protagonista desprovido de paixões, dono de uma biografia banal e indiferente à polarização política que tanto marcou a década de 1970 no Brasil. Essa figura anônima será, nessa ficção histórica, peça fundamental no desfecho de um trágico enredo. Neste Cabo de guerra, são inúmeras e incômodas as pontes lançadas entre passado e presente, entre realidade e invenção. Para mencionar apenas uma, a abordagem do ato de delação política não poderia ser mais instigante para a reflexão sobre o Brasil contemporâneo.

Tempos difíceis

Dickens, Charles
9788575594209
336 [illegible]

Compre agora e leia

Neste clássico da literatura, Charles Dickens trata da sociedade inglesa durante a Revolução Industrial usando como pano de fundo

a fictícia e cinzenta cidade de Coketown e a história de seus habitantes. Em seu décimo romance, o autor faz uma crítica profunda às condições de vida dos trabalhadores ingleses em fins do século XIX, destacando a discrepância entre a pobreza extrema em que viviam e o conforto proporcionado aos mais ricos da Inglaterra vitoriana. Simultaneamente, lança seu olhar sagaz e bem humorado sobre como a dominação social é assegurada por meio da educação das crianças, com uma compreensão aguda de como se moldam espíritos desacostumados à contestação e prontos a obedecer à inescapável massificação de seu corpo e seu espírito. Acompanhando a trajetória de Thomas Gradgrind, "um homem de fatos e cálculos", e sua família, o livro satiriza os movimentos iluminista e positivista e triunfa ao descrever quase que de forma caricatural a sociedade industrial, transformando a própria estrutura do romance numa argumentação antiliberal. Por meio de diversas alegorias, como a escola da cidade, a fábrica e suas chaminés, a trupe circense do Sr. Sleary e a oposição entre a casa do burguês Josiah Bounderby e a de seu funcionário Stephen Blackpool, o resultado é uma crítica à mentalidade capitalista e à exploração da força de trabalho, imposições que Dickens alertava estarem destruindo a criatividade humana e a alegria.

O homem que amava os cachorros

Padura, Leonardo
9788575593622
592 [illegible]

Compre agora e leia

Esta premiadíssima e audaciosa obra do cubano Leonardo Padura, traduzida para vários países (como Espanha, Cuba, Argentina,

Portugal, França, Inglaterra e Alemanha), é e não é uma ficção. A história é narrada, no ano de 2004, pelo personagem Iván, um aspirante a escritor que atua como veterinário em Havana e, a partir de um encontro enigmático com um homem que passeava com seus cães, retoma os últimos anos da vida do revolucionário russo Leon Trotski, seu assassinato e a história de seu algoz, o catalão Ramón Mercader, voluntário das Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola e encarregado de executá-lo. Esse ser obscuro, que Iván passa a denominar "o homem que amava os cachorros", confia a ele histórias sobre Mercader, um amigo bastante próximo, de quem conhece detalhes íntimos. Diante das descobertas, o narrador reconstrói a trajetória de Liev Davidovitch Bronstein, mais conhecido como Trotski, teórico russo e comandante do Exército Vermelho durante a Revolução de Outubro, exilado por Joseph Stalin após este assumir o controle do Partido Comunista e da URSS, e a de Ramón Mercader, o homem que empunhou a picareta que o matou, um personagem sem voz na história e que recebeu, como militante comunista, uma única tarefa: eliminar Trotski. São descritas sua adesão ao Partido Comunista espanhol, o treinamento em Moscou, a mudança de identidade e os artifícios para ser aceito na intimidade do líder soviético, numa série de revelações que preenchem uma história pouco conhecida e coberta, ao longo dos anos, por inúmeras mistificações.

Pssica

Proença, Edyr Augusto
9788575594506
96 [illegible]

Compre agora e leia

Após grande sucesso na França - onde teve três livros traduzidos -, o paraense Edyr Augusto lança um novo romance noir de tirar o

fôlego. Em Pssica, que na gíria regional quer dizer "azar", "maldição", a narrativa se desdobra em torno do tráfico de mulheres. Uma adolescente é raptada no centro de Belém do Pará e vendida como escrava branca para casas de show e prostituição em Caiena. Um imigrante angolano vai parar em Curralinho, no Marajó, onde monta uma pequena mercearia, que é atacada por ratos d'água (ladrões que roubam mercadorias das embarcações, os piratas da Amazônia) e, em seguida, entra em uma busca frenética para vingar a esposa assassinada. Entre os assaltantes está um garoto que logo assumirá a chefia do grupo. Esses três personagens se encontram em Breves, outra cidade do Marajó, e depois voltam a estar próximos em Caiena, capital da Guiana Francesa, em uma vertiginosa jornada de sexo, roubo, garimpo, drogas e assassinatos.